

Para ler *A ordem do discurso* de Michel Foucault

Lire *L'ordre du Discours* de Michel Foucault | Para leer *El orden del discurso* de Michel Foucault | To read *The Discourse on Language* of Michel Foucault

FOUCAULT, M. (1996). **A ordem do discurso**: aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola (coleção Leituras Filosóficas). 79 p. ISBN 978-85-15-01359-3.

Alex Pereira de Araújo¹

¹Pesquisador no Projeto Traduzir Derrida, Políticas e Desconstruções (UESC) entre 2009-2014, fez parte do Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo (UESB) entre 2011-2016, realizando estágio doutoral na Paris 3 como parte de seu doutorado em *Memória Linguagem e Sociedade* pelo PPGMLS da UESB. E-mail: alexindiscours@gmail.com

Apresentação

Este roteiro de leitura, que ora apresentamos, tem como objetivo principal tornar mais acessível, ou melhor, mais inteligível *A ordem do discurso* de Michel Foucault para aqueles que se arriscam a entrar nesta ordem por meio de sua análise do discurso redimensionada nesta sua aula inaugural. É um roteiro simples que procurou atender minimamente aos leitores iniciantes deste texto que se tornou um clássico no campo das Humanidades e das ciências empíricas como o Direito e a própria Medicina, campos que passaram pelo crivo das análises arqueogenealógicas empreendidas por Foucault. Fizemos algumas referências extratextuais porque o texto não aprofunda alguns pontos, já que foi escrito intencionalmente para ser enunciado numa aula inaugural. Sob o formato de livro, como lembramos há pouco, este texto passou a figurar como uma referência quase que obrigatória, sobretudo, nas últimas três décadas. Mas, é preciso ter em mente que esta *análise do discurso* proposta por Foucault difere daquilo que ele identificou, na primeira conferência que fez sobre *A verdade e as formas jurídicas*, em 1973, no Brasil, como “uma tradição recente, mas já aceita nas universidades europeias, uma tendência a tratar o discurso como um conjunto de fatos linguísticos ligados entre si por regras sintáticas de construção.” (FOUCAULT, 2003, p.9). Esperamos que seja útil aos possíveis leitores desse roteiro que surgiu em razão de uma demanda que tornou *A ordem do discurso* uma leitura indispensável para aqueles que lidam o tempo todo com o discurso como objeto de estudo em suas pesquisas, incluindo aqueles que lidam com *A análise do discurso* (AD) desenvolvida por Michel Pêcheux e seu grupo de pesquisadores no CNRS na França, e que é muito praticada no Brasil, na Argentina e no México, ou ainda aqueles que praticam a chamada *análise do discurso crítica* (ADC), desenvolvida a partir dos anos de 1980 pelo britânico Norman Fairclough que a difundiu no Reino Unido, tendo repercussão em muitos países anglo-saxões, como EUA, e ecoando no Brasil.



A ordem do discurso de Michel Foucault

Este livro é, na verdade, a versão integral do texto que Foucault deveria apresentar em sua aula inaugural no *Collège de France*, em 2 de dezembro de 1970, mas, como assinala a nota do editor francês, reproduzida na versão em português, que, “por motivo de horário, certas passagens foram encurtadas e modificadas na leitura. Essas passagens foram aqui reproduzidas na íntegra.” (p.5). Portanto, trata-se do texto integral da aula inaugural de Foucault, em formato de livro, publicado no ano seguinte pelas Edições Gallimard.

Este escrito, transformado em livro, como há pouco vimos, pode ser considerado como o momento em que Foucault faz a reflexão¹ de todos os empreendimentos realizados por ele antes de sua entrada para esta instituição tão importante no cenário acadêmico da França, como de suas futuras pesquisas voltadas para o eixo do poder e da ética, analisando os sistemas de seu próprio pensamento e as continuidades e descontinuidades no pensamento ocidental durante a Idade Clássica e a Idade Moderna. Neste sentido, podemos considerar *A ordem do discurso* como o elo de ligação entre o período arqueológico com a apresentação do método genealógico, ou, diríamos ainda, tratar-se mesmo de toda a ordem do discurso do pensamento de Foucault, apresentada por ele mesmo, numa perspectiva cujo sabor de cada ingrediente é sentido. Curiosamente, na tradução brasileira, publicada pelas Edições Loyola, os irmãos de Foucault, Francine [Foucault] Fruchaud e Denys Foucault, aparecem como os detentores dos direitos autorais e não Daniel Defert, seu parceiro durante 25 anos.

A entrada de Michel Foucault para o Collège de France

Paul-Michel Foucault, ou, simplesmente, Michel Foucault, foi eleito² em 12 de abril de 1970 para ser o titular da nova cátedra criada pela assembleia de professores e batizada por Jules Vuillemin como *Histoire des Systèmes de Pensée*, que substituíra à cátedra *Histoire de Pensée Philosophique*, extinta em razão da morte de seu titular, Jean Hyppolite³, de quem Foucault diz, nas páginas finais do texto,

¹ Reflexão que caracteriza a sua filosofia como uma *Filosofia do Presente*, uma herança do *ethos* filosófico kantiano.

² Didier Eribon, autor da biografia que saiu cinco anos após a morte de Foucault, sob o título de *Michel Foucault*, reuniu os documentos referentes à candidatura de Foucault e a ata dessa assembleia que o elegeu, na reedição de 2011 revista e ampliada da versão de 1989. A versão em português era de 1991 e foi tirada do mercado. A tradução era de Hildegard Feist da *Cia das Letras*.

³ Cf. O texto escrito por Foucault intitulado: *Jean Hyppolite. 1907-1968*, no volume II, da coleção *Ditos e Escritos*, mas originalmente publicado na *Revue de métaphysique et de morale*, 74º ano, nº 22, abril-junho



ser um endividado (cf. p. 72-79). Ele foi seu professor na *École Normale Supérieure* e na Sorbonne, onde orientou Foucault na tese complementar sobre *Anthropologie* de Kant.

Nesta ocasião de sua entrada para o célebre *Collège de France*, Foucault tinha 43 anos. Já havia publicado os seus principais livros que fazem parte da sua fase de pesquisas, ditas, arqueológicas: *História da Loucura* (1961), *O Nascimento da Clínica* (1963), *As palavras e as coisas* (1966), seu grande sucesso editorial, e, *A Arqueologia do Saber* (1969). A fase arqueológica é caracterizada por pesquisas que se voltaram para o eixo do saber. Nesta aula inaugural, Foucault apresenta sua nova perspectiva de trabalho, o método genealógico que dará conta de pesquisas voltadas para o eixo do poder. Nesta época, ele ainda pensava em “preservar sua teoria arqueológica e complementá-la com a genealogia.” (DREYFUS, RABINOW, 1995, p.116).

Sua entrada para o *Collège de France* era o reconhecimento de seu percurso acadêmico como grande intelectual que estava presente nas principais discussões políticas e teóricas de sua época. Em outras palavras, a nomeação de Foucault para o *Collège de France*, tinha, de um lado, o significado pessoal, mas, do outro, representava uma nova forma de exercer o papel de intelectual que a nova ordem Pós Maio de 1968 exigia para atender as necessidades que vinham com as mudanças no sistema de ensino, sobretudo, no superior.

A aula inaugural da Cátedra História dos Sistemas de Pensamento

Esta aula inaugural, que, simultaneamente, marcou sua posse, como professor desta instituição fundada em 1530, pelo protetor de Leonardo da Vinci, François I, começa bem ao estilo da retórica usada em *As palavras e as coisas*, considerado, por muitos, seu livro mais importante. Suas primeiras palavras são: “Gostaria de me insinuar sub-repticiamente no discurso que devo pronunciar hoje, e nos que deverei pronunciar aqui, talvez durante anos⁴. Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível” (p.5).

de 1969, p.131-136. (Continuação da homenagem a J. Hyppolite prestada na *École Normale Supérieure* em 19 de janeiro de 1969).

⁴ Foucault permanece no *Collège de France* até 1984, quando morre vítima de AIDS, precisamente, em 25 de junho no hospital *Salpêtrière*, em Paris. Este hospital aparece em muitos de seus estudos, sobretudo, em *História da Loucura na Idade Clássica* cujo nascimento Foucault havia descrito.



O Plano da discussão

Foucault, depois de fazer suas considerações iniciais, tratou logo de apresentar a hipótese com a qual esta ordem do discurso poderia ser pensada e aplicada aos seus novos empreendimentos ao longo dos anos que estará à frente da cátedra *Histoire des Systèmes de Pensée*. Em seguida, expõe todos os procedimentos que permitem verificar tal ordem do discurso com seus princípios metodológicos e as respectivas perspectivas de sua metodologia que fundamentam as novas pesquisas que ele empreenderá nesta nova cátedra do *Collège de France*. Na última parte do seu discurso (aula), Foucault faz uma breve retomada do seu percurso epistemológico, evidenciando seu endividamento para com Dumézil, para com Canguilhem e, por fim, para com Jean Hyppolite.

A apresentação da hipótese

Eis a hipótese que, naquele início de noite, Foucault apresentou depois das palavras iniciais que acabamos de ver: “Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.” (p.9). Quais são estes procedimentos? De acordo com Foucault, são:

I - Controle do discurso:

- 1) Procedimentos de exclusão: “Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de *exclusão*. O mais evidente, o mais familiar é a *interdição*.” (p.9).
“Existe em nossa sociedade outro princípio de exclusão: não mais a interdição, mas uma separação e uma rejeição. Penso na oposição razão e loucura.” (p.10). “Talvez seja arriscado considerar a oposição do verdadeiro e do falso como um terceiro sistema de exclusão” (p.13).
“Dos três grandes sistemas de exclusão que atingem o discurso, a palavra proibida (*interdite*, no original), a segregação da loucura e a vontade de verdade, foi o terceiro que mais falei mais longamente.” (p.19).
- 2) Procedimentos de controle internos do discurso: “visto que são os discursos eles mesmos que exercem seu próprio controle; procedimentos que funcionam, sobretudo, a título de princípios de classificação, de



ordenação, de distribuição, com se se tratasse, desta vez, de submeter outra dimensão do discurso: a do acontecimento e do acaso.” (p.21).

a) *O comentário* (p.21-24) – (o que é?): “o desnível entre texto primeiro e texto segundo desempenha dois papéis que são solidários” (p.24-25).

“O comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permite lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado.” (p.25-26).

b) *Autoria* – “Creio que existe outro princípio de rarefação de um discurso que é, até certo ponto, complementar ao primeiro. Trata-se do autor. O autor, não é entendido, é claro, como indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência.” (p.26), (cf. FOUCAULT, 2001, p.264-298)⁵.

“O comentário limitava o acaso pelo jogo de uma identidade que tem a forma da *individualidade* e do eu.” (p.29).

c) *A disciplina* – “seria preciso reconhecer também no que se denomina, não mais ciências, mas as ‘disciplinas’, outro princípio de limitação. Princípio este também relativo e móvel. Princípio que permite construir, mas conforme um jogo restrito.” (p.29-30).

“A organização das disciplinas se opõe tanto ao princípio do comentário como do autor. Ao do autor, visto que uma disciplina se define por um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um corpus de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras de definições, de técnicas e de instrumentos: tudo isso constitui uma espécie de sistema anônimo à disposição de quem quer ou pode servir-se dele, sem que seu sentido ou sua validade estejam ligados a quem sucedeu seu inventor.” (p.30). Em suma, “A disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de identidade que tem forma de uma reatualização permanente das regras.” (p.36).

3) *Procedimentos de rarefação (raréfaction)* – “Creio que existe um terceiro grupo de procedimentos que permitem o controle dos discursos. Desta vez, não se trata de dominar os poderes que eles têm, nem de conjurar os acasos de sua aparição; trata-se de determinar as condições de seu

⁵ Esta referência diz respeito ao texto-conferência, *O que é um Autor?* –, que se encontra publicado no volume III da versão brasileira dos *Ditos e Escritos* que poderá possibilitar ao leitor melhor compreensão do que seja autoria para Foucault.



funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles. Rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo.” (p.36-37).

- a) *O ritual*: define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção. (p.39). Dessa forma, argumenta Foucault que: “os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos.” (p.39).
- b) *Sociedades de discurso*: a função é conservar ou produzir discursos, mas para fazê-los circular em um campo fechado, distribuí-los somente segundo regras específicas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição (p.39).
- c) *A doutrina*: tende a difundir-se; e é pela partilha de um só e mesmo conjunto de discursos que indivíduos, tão numerosos quanto se queira imaginar, definem sua pertença recíproca (p.42). A doutrina questiona os enunciados a partir dos sujeitos que falam, na medida em que a doutrina vale sempre como sinal, a manifestação e o instrumento de uma pertença prévia – pertença de classe, de status social ou de raça, de nacionalidade, de revolta, de resistência ou de aceitação. A doutrina liga os indivíduos a certo tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros; mas ela serve, em contrapartida, de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los, de todos os outros. A doutrina realiza uma dupla sujeição: dos sujeitos que falam aos discursos e dos grupos, ao menos virtual, dos indivíduos que falam (p.43).
(...) as doutrinas não seriam tão diferentes das disciplinas científicas, e o controle discursivo trataria somente da forma ou do conteúdo do enunciado, não do sujeito que fala. Ora, a pertença doutrinária



questiona ao mesmo tempo o enunciado e o sujeito que fala, e um através do outro (p.42).

- d) *A apropriação social dos discursos*: saber que a educação, embora seja, de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, segue, em sua distribuição, no que permite e no que impede, as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais (p.43-44).

Em meio a estes procedimentos, Foucault ainda faz algumas considerações a respeito do que seria *sujeito fundante/fundador*, que criticara inicialmente em *A arqueologia do saber*, e apresenta mais uma acepção para a palavra *discurso*, conforme podemos ver adiante:

Sujeito fundante/fundador: - Seria possível que o tema do sujeito fundante permitisse elidir a realidade do discurso. O sujeito fundante, com efeito, está encarregado de animar diretamente, com suas intenções, as formas vazias da língua [...]. Na sua relação com o sentido, o sujeito fundador dispõe de signos, marcas, traços, letras (p. 46-47).

*O que é o discurso?*⁶ - “O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido podem voltar à anterioridade silenciosa da consciência de si” (p.49).

Como podemos perceber, este conceito de discurso tem a ver com a *vontade de verdade*, a qual, no dizer de Foucault, “apoiar-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas” (p.17). Foucault continua sua exposição, apresentando os princípios metodológicos e sua nova perspectiva de trabalho, como vemos no esquema abaixo:

II – Os princípios metodológicos

⁶ Aqui Foucault demonstra como a filosofia ocidental trata o discurso, ou seja, como é encarado por uma filosofia que lida com o tema da *Mediação Universal*. Mas, em *A arqueologia do saber* (*L'Archeologie du savoir*), Foucault afirmou que pouco a pouco multiplicou os sentidos flutuantes da palavra discurso (Cf. FOUCAULT, 1972, p.90).



- a) *Inversão*: (p.51); b) *Descontinuidade*: (p.52); c) *Especificidade*: (p.53) e, por fim, d) *Exterioridade*: (p.53).

III - Perspectivas metodológicas: “Seguindo esses princípios e referindo-me a esse horizonte, as análises que me proponho fazer se dispõem segundo dois conjuntos.” (p.60). De uma parte, o conjunto “crítico”, que põe em prática o princípio da inversão: procurar cercar as formas da exclusão, da limitação, da apropriação [...]. De outra parte, o “genealógico” que põe em prática os três outros princípios: como se formaram, através, apesar, ou com apoio desses sistemas de coerção, séries de discursos; qual foi a norma específica de cada uma e quais foram suas condições de aparição, de crescimento, de variação (p.60-61). Sendo assim,

- b) *Crítica*: analisa os processos de rarefação, mas também de reagrupamento e de unificação dos discursos (p.65);
c) *Genealógica*: estuda sua formação ao mesmo tempo dispersa, descontínua e regular (p.65-66).

A análise do discurso

Ora, todos estes procedimentos fazem parte desta análise do discurso a que Foucault se refere, nesta sua aula inaugural. Alguns deles já tinham sido aplicados em suas pesquisas anteriores, consagradas ao eixo do saber. Portanto, é por esse conjunto que essa análise dos discursos sobre o qual pensava Foucault se articula, não certamente com a temática tradicional que os filósofos de ontem tomam ainda como história “viva”, mas com o trabalho efetivo dos historiadores (p.57). Mas, esta mesma análise poderia estar a cargo do eixo do poder, sendo uma tentativa de articular o método arqueológico ao genealógico, como falamos há pouco, em conformidade com as observações de Dreyfus e de Rabinow (1995).

Em seu livro anterior, publicado em 1969, sob o título de *L'Archeologie du Savoir*, Foucault dizia que “a análise do discurso está colocada, na maior parte do tempo, sob o duplo signo da totalidade e da pletora. Mostra-se como os diferentes textos de que tratamos remetem uns aos outros, se organizam em uma figura única, entram em convergência com instituições e práticas, e carregam significações que podem ser comuns a toda época. Cada elemento considerado é recebido como expressão de uma totalidade à qual pertence e que ultrapassa.” (FOUCAULT, 1972, p.137). Esta explicação pode soma-se a observação que ele faz no texto de *A ordem do discurso*, dizendo que, em todo caso, uma coisa ao menos deve ser sublinhada: a análise do discurso, assim entendida, não desvenda



.....
a universalidade de um sentido; ela mostra à luz do dia o jogo da rarefação imposta, com um poder fundamental de afirmação. Rarefação e afirmação, rarefação, enfim, da afirmação e não da generosidade contínua do sentido, e não monarquia do significante. (p.70).

Dumézil – Canguilhem e Jean Hyppolite na ordem do discurso de Foucault

Nesta última parte do seu discurso, Foucault reconhece que não poderia empreender estas pesquisas, cujo esboço tentou apresentar, se não tivesse, para deles se valer, modelos e apoios que vieram de Dumézil, de Canguilhem e Jean Hyppolite (p.70-71).

Ele declarou que foi Dumézil que o incentivou ao trabalho em uma idade em que ele ainda acreditava que escrever era um prazer e que sua obra lhe serviu de referência, mesmo quando se afastou de seu sentido, desviando do rigor dos “textos que são seus e que nos domina hoje” (p.71). Foucault diz que foi Dumézil que lhe ensinou a analisar a economia interna de um discurso de modo totalmente diferente dos métodos de exegese tradicional ou do formalismo linguístico; ele também o ensinou a detectar, de um discurso ao outro, pelo jogo das comparações, o sistema das correlações funcionais, e ainda “como descrever as transformações de um discurso e as relações com a instituição.” (p.71).

Já em relação a Canguilhem, Foucault declarou que lhe deve “o fato de ter compreendido que a história da ciência não se acha necessariamente à alternativa: crônica das descobertas ou descrições das ideias e opiniões que cercam a ciência do lado de suas origens exteriores; mas que se podia, se devia fazer a história da ciência como um conjunto ao mesmo tempo coerente e transformável de modelos teóricos e de instrumentos conceituais.” (p.71-72). Portanto, se Foucault “quis aplicar tal método a discursos totalmente diferentes das narrativas lendárias ou mítica,” esta ideia lhe ocorreu, sem dúvida, pelo fato de ter diante dos olhos os trabalhos dos historiadores das ciências, como o próprio Canguilhem. Foi ele quem o orientou na tese maior que Foucault defendeu sobre a loucura.

Mas Foucault reconheceu, declarando, que sua dívida, em grande parte, é para Jean Hyppolite, porque tomou dele, sem dúvida, o sentido e a possibilidade do que fez e “porque, infatigavelmente, ele percorreu para nós e antes de nós esse caminho através do qual nos afastamos de Hegel, tomamos distância, e através do qual nos encontramos de volta a ele mas de outra maneira, logo em seguida obrigados a deixá-lo novamente.” (p.72). Nesta medida, muitos são devedores de



Jean Hyppolite que, ao traduzir para o francês *Fenomenologia do Espírito*, deu a Hegel uma presença que prova que ele próprio está bem presente nesse texto francês, tendo em vista que muitos alemães “consultaram-no para compreender melhor aquilo que, por um instante ao menos, se tornava a versão alemão.” (p.73). A tradução de Jean Hyppolite “procurou e percorreu todas as saídas desse texto como se sua inquietação fosse: pode-se ainda filosofar, lá onde Hegel não é mais possível? Pode ainda existir uma filosofia que não seja hegeliana? O que é não-hegeliano em nosso pensamento é não-necessariamente não-filosófico?” (p.73-74).

Ora, essa cuidadosa tradução tinha levado Jean Hyppolite a uma inquietação que o fez operar cinco deslocamentos sobre a filosofia hegeliana e sobre a filosofia tal como Hegel a concebia, os quais “convocam, alternativamente, as grandes figuras maiores da filosofia moderna que Jean Hyppolite não cessou de confrontar com Hegel: Marx, com as questões da história, Fichte com o problema do começo absoluto da filosofia, Bérgeon com o tema do contato com o não filosófico, Kierkegaard com o problema da repetição e da verdade, Husserl com o tema da filosofia como tarefa infinita ligada à história de nossa racionalidade.” (p.77).

A escolha como homenagem a Jean Hyppolite e o agradecimento duplo

Para finalizar sua aula inaugural à frente da cátedra *Histoire des Systèmes de Pensée*, Foucault diz compreender que a escolha que fizeram convidando-lhe a ensinar no *Collège de France* era, em boa parte, uma homenagem que lhes prestam e era profundamente reconhecido pela honra que a assembleia de professores, desta centenária instituição, lhe dispensara; mas não lhes era “menos grato pelo que cabe a ele (Jean Hyppolite) nesta escolha. Se não me sinto à altura de sucedê-lo, sei, em contrapartida, que se essa felicidade nos fosse dada, eu seria, esta tarde, encorajado por sua indulgência.” (p.79).

Inicialmente, quando Foucault começou a tomar a palavra, disse que sentia tanta dificuldade em começar. O motivo, ele só revelaria no final desta aula, dizendo que a voz que ele gostaria que o precedesse, carregando-o, convidando-o a falar e a habitar seu próprio discurso, não mais está para escutar, era a voz de Jean Hyppolite, a quem ele sucedia, neste momento, ocupando a nova cátedra, criada para homenagear ambos, ele mesmo, antigo discípulo e o novo membro do *Collège de France*, e o antigo mestre.



Em termos gerais, *A ordem do Discurso* é um escrito que representa a maturidade de seu enunciador, a qual o levou a entrar no Collège de France para ocupar a lacuna deixada por Jean Hyppolite. Mas podemos considerar ainda que, com este texto, Foucault começa a evidenciar a sua genealogia. Ela nasce desta sua maturidade e de suas leituras de Nietzsche, Kant, e também de seu contato pessoal com Jean Hyppolite, Dumézil e Canguilhem. Em outras palavras, este escrito traz novos elementos para sua análise do discurso, a qual acabou influenciando a análise do discurso que Pêcheux desenvolveu no CNRS e a análise do discurso crítica de Fairclough, em meio a sua autocrítica. Portanto, a sua análise do discurso está a cargo dos seus empreendimentos arqueogenealógicos.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Edgardo. (2009). **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução de Ingrid Müller Xavier; revisão técnica de Walter Omar Kohan e Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica.
- DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. (1995). **Michel Foucault**, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 231-249.
- ERIBON, Didier. (2011). **Michel Foucault**. Edição revista e ampliada. Paris: Champs Biographique.
- FOUCAULT, Michel. (1972). **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves, revisão técnica Lígia Vassalo. Petrópolis: Vozes, Lisboa: Centro do Livro Brasileiro.
- FOUCAULT, Michel. (1981). **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes.
- FOUCAULT, Michel. (1996). **A ordem do discurso**: aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida. São Paulo: Loyola, 1996 (coleção Leituras Filosóficas). 79 p.
- FOUCAULT, Michel. (2000). Jean Hyppolite. 1907-1968. In: _____. **Arqueologia das ciências humanas e história dos sistemas de pensamento**. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta, tradução de Elisa Monteiro. – Rio de Janeiro: Forense Universitária. (*Ditos e Escritos*: II).



FOUCAULT, Michel. (2001). O que é um autor? In: _____. **Estética:** literatura e pintura, música e cinema. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta, tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. – Rio de Janeiro: Forense Universitária. (*Ditos e Escritos*: III).

FOUCAULT, Michel. (2003). **A verdade e as formas jurídicas.** Tradução Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais, supervisão do texto Léa Porto de Abreu Novais et al. – Rio de Janeiro, NAU Editorial.

Este texto foi originalmente apresentado, em 2012, à Professora Doutora Maria da Conceição Fonseca-Silva do PPGMLS da UESB. Em 2017, foi revisado, servindo de roteiro de leitura pessoal, no componente curricular *Letramento Político*, ministrado pelo Professor Doutor Rafael Siqueira de Guimarães, na UFSB, *campus* Jorge Amado.



Para ler *A ordem do discurso* de Michel Foucault
Lire *L'ordre du Discours* de Michel Foucault
Para leer *El orden del discurso* de Michel Foucault
To read *The Discourse on Language* of Michel Foucault



Como citar:

ARAÚJO, Alex Pereira de. *Para ler a ordem do discurso de Michel Foucault*. Disponível em: <<https://goo.gl/Jnpl.kU>>.

